

DESVENDANDO ESTIGMAS: A LUTA CONTRA A DEMONIZAÇÃO DAS CURANDEIRAS NO CAMPO

Maiara da Silva Pereira[1]

Carolina Orquiza Cherfem[2]

Gabriele Nigra Salgado[3]

Círculo de Saber 6: Relações de Gênero, sexualidade e Feminismo

Resumo: Este trabalho, fruto de um TCC em andamento, tem como objetivo apresentar uma investigação que vem sendo realizada sobre a demonização das mulheres curandeiras, benzedeiras e conhecedoras de ervas medicinais na comunidade rural de Timbó Grande, SC, analisando as representações históricas e culturais que perpetuam esse estigma. Fundamenta-se em autores que discutem a marginalização do feminino vinculada à caça às bruxas na Idade Média e os processos coloniais que associam essas práticas ao sobrenatural de forma negativa, tendo também impacto nas relações de gênero, raciais e sociais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com enfoque etnográfico, e utilizará entrevistas semiestruturadas para compreender as experiências pessoais das participantes, valorizando a oralidade e o conhecimento popular. Além disso, o estudo destacará a resistência e a ressignificação dos saberes das mulheres curandeiras e benzedeiras, ressaltando seu papel como agentes de saúde e preservação cultural. Destaca-se a necessidade de incluir esses saberes no ensino formal das ciências para promover a valorização cultural e a justiça social, combatendo a invisibilidade dessas mulheres e seu importante papel na identidade local.

Palavras-chave: Demonização; Curandeiras; Saberes populares.

Introdução

Durante minha adolescência[3] em contexto rural, sempre tive contato com práticas tradicionais e conhecimentos populares, principalmente transmitidos por mulheres da comunidade. Na cidade de Timbó Grande, onde vivo atualmente, é frequente escutar relatos sobre curandeiras, benzedeiras e mulheres que possuem conhecimento sobre ervas medicinais. Essas figuras sempre instigaram meu interesse e respeito, pois, além de servirem como agentes de cura, também são

[1] Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo. E-mail: maiarapereira8182@gmail.com.
[2] Docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. E-mail: carolina.cherfem@ufsc.br.
3 Docente no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. E-mail: gabriele.salgado@ufsc.br
[3] Trata-se da experiência da primeira autora deste texto, pesquisadora do tema e orientada pelos demais autoras do trabalho.



guardiãs de uma sabedoria ancestral que perdura através dos séculos, mesmo em meio a preconceitos e estigmas históricos.

Ao notar o respeito e, simultaneamente, o preconceito que essas mulheres enfrentam, compreendi a relevância de dar destaque às suas histórias e práticas. Frequentemente, são percebidas com suspeita ou até mesmo demonizadas, fruto de uma extensa tradição histórica e cultural que vincula o feminino ao risco, ao desconhecido e, em alguns casos, ao mal. Este fenômeno, que tem suas raízes na caça às bruxas na Idade Média e persiste em diversos contextos (Fernandes; Federici, 2019), inclusive no Brasil rural atual, sempre despertou em mim uma profunda inquietação, provocando o meu interesse em realizar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre esse tema.

Ademais, meu aprendizado em Educação do Campo e o contato com tópicos como feminismo, questões raciais e políticas sociais intensificaram meu compromisso com a valorização das vozes femininas e a promoção da justiça social. Portanto, a seleção do tema não reflete apenas um interesse acadêmico, mas também uma posição ética e política: considero essencial resgatar e valorizar o saber dessas mulheres para enfrentar a invisibilidade e o preconceito que ainda as afetam.

O presente texto constitui numa apresentação do referencial acerca do projeto de pesquisa para o TCC, cujo tema é a demonização de curandeiras e benzedeiras no cenário de Timbó Grande - SC, uma comunidade rural e tradicional. A discussão ocorre em um contexto caracterizado pela convivência de variados saberes e práticas, onde a sabedoria popular e o saber científico muitas vezes entram em conflito ou se complementam. Portanto, é essencial entender os processos de estigmatização e desvalorização das práticas dessas mulheres para refletir sobre a diversidade cultural e as formas de geração de conhecimento.

O termo "demonização" refere-se ao ato ou efeito de atribuir características demoníacas, malignas ou moralmente condenáveis a algo ou alguém, frequentemente com o objetivo de marginalizar, desumanizar ou excluir determinados indivíduos ou práticas sociais (Porto Editora, 2025). Essa atribuição carrega uma carga simbólica e moral, transformando o outro em uma espécie de



inimigo ou ameaça, o que facilita sua rejeição e a justificação de práticas discriminatórias.

No âmbito da educação do campo, a pesquisa emerge da necessidade de reconhecer e integrar os saberes locais, tradicionais e populares vindos dessas mulheres, promovendo mais inclusão aos seus saberes dentro da área acadêmica. Ainda no contexto da área de formação da Educação do Campo, as ciências da natureza estão intimamente ligadas ao trabalho das mulheres que serão entrevistadas ao longo do trabalho, curandeiras e benzedeiras, ao utilizarem plantas medicinais, conhecimentos sobre o corpo humano e práticas de cura, estabelecem uma relação direta com os conteúdos das ciências naturais, ainda que sob uma perspectiva diferente da ciência ocidental hegemônica.

A bruxa é vista como uma mulher que possui habilidades mágicas, frequentemente associadas à feitiçaria e à prática de rituais. Historicamente, as bruxas foram perseguidas e demonizadas, especialmente durante a Inquisição, onde eram acusadas de pactos com o diabo e práticas malignas. Atualmente mulheres ligadas a religiões de matrizes africanas, como Umbanda e Candomblé são frequentemente alvo de preconceitos que as ligam à bruxaria (Cunha, 2017).

A curandeira é uma mulher que utiliza conhecimentos tradicionais e ervas medicinais para curar doenças. Ela é muitas vezes respeitada em sua comunidade por suas habilidades de cura e seu conhecimento sobre medicina popular, que é passado de geração a geração (Ferreira,1996). No entanto, as curandeiras também enfrentam estigmas semelhantes às bruxas, sendo vistas como figuras ambíguas entre o sagrado e o profano.

A benzedeira é uma mulher que realiza benzimentos, uma prática de cura que envolve orações e rituais para afastar doenças ou males. Essa figura é geralmente vista com mais respeito do que a bruxa, pois suas práticas são frequentemente associadas à religiosidade cristã e à proteção espiritual dos males. (Marin; Scorsolini-Comin, 2017, p. 364). Normalmente, uma benzedeira também é uma curandeira, pois além das práticas com os benzimentos de cura envolvendo orações, elas realizam cura com ervas medicinais.

As curandeiras e benzedeiras representam uma continuidade de saberes ancestrais muitas vezes marginalizados em contextos urbanos, rurais e acadêmicos



(Souza, 2025). A investigação visa também analisar as representações históricas e culturais da mulher como demoníaca em diversas sociedades, buscando compreender como esses processos se reproduzem ou avançam no contexto específico de Timbó Grande. Esta demonização remonta a períodos históricos em que as mulheres eram frequentemente associadas ao mal, como evidenciado em narrativas bíblicas e mitológicas (Ciência Hoje, s.d.).

Compreender o impacto da demonização nas histórias de vida das mulheres é crucial para destacar os desafios que enfrentam nas suas relações familiares, oportunidades de emprego e saúde mental, ainda nos dias atuais.

Ao abordar questões de gênero e pré-concebidas promovemos um diálogo mais amplo sobre justiça social e igualdade de oportunidades para todas as mulheres. Ademais, o ambiente rural de Timbó Grande, caracterizado por intensa atividade agrícola e vastas áreas de reflorestamento, favorece a conservação de práticas de saúde populares e a conservação de saberes ancestrais sobre ervas medicinais e métodos de recuperação de saúde. No entanto, essas práticas frequentemente são alvo de preconceito e marginalização, sendo vinculadas a superstições ou até mesmo a práticas malévolas, particularmente em contextos dominados por valores religiosos ou científicos dominantes. Este contexto de estigma é intensificado pela ausência de acesso a serviços de saúde formais em certas áreas, o que destaca a relevância das curandeiras e benzedeiras para a comunidade.

Deste modo, considera-se fundamental compreender de que forma a demonização das curandeiras, benzedeiras e conhecedoras de ervas medicinais do campo influencia suas vidas pessoais, suas relações familiares, sua segurança geral, suas oportunidades de emprego, suas oportunidades na vida acadêmica, relações interpessoais, autoestima e saúde mental.

Metodologia

A metodologia da pesquisa que vem sendo realizada no TCC acima citado é de natureza quantitativa (MINAYO; COSTA, 2018) e está sendo estruturada em diversas etapas, visando coletar e analisar dados sobre histórias de vida de uma curandeira/benzedeira e de uma mãe do Santo da Umbanda e do Candomblé na cidade de Timbó Grande, SC, onde será o foco da pesquisa.



Trata-se de um município localizado no estado de Santa Catarina, Brasil, conhecido por sua cultura e atividades econômicas voltadas à agricultura e à indústria madeireira. Possui aproximadamente 7.342 habitantes, segundo dados mais recentes disponíveis no IBGE em 2022. A população é predominantemente rural, refletindo o estilo de vida da região. Timbó Grande possui uma forte tradição cultural que inclui práticas de benzimento. Esta prática é uma parte importante da identidade local, sendo transmitida de geração em geração. Além disso, o município abriga um território de Umbanda e Candomblé, demonstrando a diversidade religiosa e cultural da população.

A trajetória de Timbó Grande está fortemente vinculada a episódios de resistência e conflito, como a Guerra do Contestado[4], que também auxiliou na construção de uma identidade regional fundamentada na proteção de territórios e tradições.

Para este artigo será apresentada a discussão teórica central da pesquisa que vem sendo realizada sobre a demonização das mulheres curandeiras, benzedeiras e conhecedoras de ervas medicinais. Fundamenta-se em autores que discutem a marginalização do feminino vinculada à caça às bruxas na Idade Média e os processos coloniais que associam essas práticas ao sobrenatural de forma negativa, tendo também impacto nas relações de gênero, raciais e sociais.

Representações históricas da mulher como demoníaca em diferentes sociedades.

Segundo Rios et al., (2019) a historiografia medieval, escrita majoritariamente por homens, torna consequentemente o medievo totalmente masculino, e demonstra a ideia de superioridade e hegemonia masculina.

Delumeau (2011) sinaliza que tais ações serviram de justificativa para excluir as mulheres da sociedade, que por sua vez, além de serem, muitas vezes,

[4]Conforme aponta o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (2025), o Contestado foi um dos maiores conflitos sociais e armados do Brasil, ocorrido entre 1912 e 1916, principalmente na região de fronteira entre os estados de Santa Catarina e Paraná. O conflito envolveu milhares de sertanejos pobres, liderados por monges e beatos, que se rebelaram contra a exploração de grandes empresas e o governo brasileiro (CPDOC/FGV, 2025). Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GUERRA%20DO%20CONTESTADO.pdf

consideradas heréticas, eram chamadas de bruxas, representando um dos maiores pecados do medievo que alguém poderia cometer. Essa imagem era associada a Eva, pois era considerada aquela que introduziu o pecado original e abriu “[...] o portão por onde entra o demônio, responsável direto pela condenação dos homens aos tormentos deste e do outro mundo, constituindo [...] a parceira consciente do Diabo” (Ires, 2015, p. 17).

Desse modo, podemos observar que a demonização da imagem da mulher vem desde muito tempo, com a culpabilização de uma personagem mitológica que faz parte de várias religiões, que durante os séculos disseminaram essa história, contribuindo com a cultura de discriminação de gênero até os dias de hoje.

A submissão da mulher esteve intensamente presente na sociedade no decorrer dos séculos e, apesar das inúmeras conquistas já alcançadas, ainda mantém fortes marcas na atualidade, atribuindo à mulher uma posição inferior com relação ao homem (Verucci, 1994). A submissão da mulher está fortemente presente desde as sociedades mais antigas. A história demonstra que os homens buscavam valer sua posição de dominação, impondo às mulheres questões que mantinham a ordem do patriarcado (Sardenberg; Costa, 1994, p. 81).

A sociedade brasileira atual convive com um grave problema: as violências contra as mulheres, pois estas vão desde o feminicídio a violência sutil (Nader, 2006). De acordo com Soares, Gatt e Chagas (2022), essa sensação masculina está alicerçada na cultura patriarcal construída ao longo dos séculos por homens que monopolizaram as manifestações culturais e forjaram a ideia de que a mulher é inferior ao homem, o chamado Segundo sexo por Simone de Beauvoir:

> De acordo com Silva (2015 p. 26) no fim da Idade Média, período denominado como Baixa Idade Média, séculos XIV e XV a Igreja Católica com seus discursos, obras e crença impulsionaram mais fortemente a inferioridade feminina, ocasionando ódio e medo de determinados perfis de mulheres. Por conta da recorrência desse tema e pelo fato da igreja ser grande influenciadora do pensamento popular, provocou-se um surto de perseguições e execuções (Silva, 2015, p. 26).

Estigmas voltados às curandeiras, benzedeiras e conhecedoras de ervas



medicinais no campo

A caça às bruxas, iniciada na Europa a partir da junção do Estado e da Igreja Católica, constituiu-se como um dispositivo que, segue ardente no presente, e fornece contornos para as perseguições, violências e assassinatos praticados contra diferentes mulheres (Federici, 2019). De acordo com Delumeau (1989), a figura cristã do demônio foi eleita como grande responsável por grande parte das injustiças sociais da época, e as bruxas, por sua vez, foram consideradas agentes humanos de atuação demoníaca no mundo.

> No cenário da produção de alteridade colonial, a figura da bruxa ganhou gradativamente cores e emerge, costumeiramente, com marcadores raciais. No Brasil, suas imagens remetem às mulheres negras e indígenas, e articulam-se historicamente a práticas de perseguição e torturas direcionadas a essas mulheres por meio da subjugação de suas práticas e inferiorização de suas capacidades técnicas. Isto com vistas ao controle de seus corpos e subjetividades, a fim de que seja perpetrada uma destruição das práticas, elos e saberes: “as mulheres se converteram nas principais inimigas do domínio colonial” (Federici, 2018, p.402). Historicamente, o ofício da benzeção remonta à Idade Média, onde as mulheres que detinham o dom de curar eram frequentemente perseguidas e/ou torturadas e lançadas vivas à fogueiras até a morte, posto que a Igreja Católica, detentora de grande poder político-religioso, qualificava, muitas vezes, os atos de curandeirismo e benzimento como bruxaria – crime este passível de morte por meios hediondos. Com a criação do Tribunal do Santo Ofício, as acusadas recebiam julgamento pelos crimes de benzeção por irem de encontro aos dogmas da Igreja, e portanto, também contra Deus. (Oliveira, 1985, p.21).

E dentro da atuação dos agentes de cura, um grupo predominantemente feminino permeia o imaginário popular, trabalhando em espaços domésticos, utilizando os artifícios de um saber mágico, ritualístico e religioso, num misto de curandeiras, rezadeiras e benzedeiras que ora atuam com os saberes de uma medicina prática, ora essencialmente com a religiosidade popular, quase sempre integrando ambas (Cunha, 2017). Segundo Martins et al., (2023) Considerando o Brasil um mosaico diverso, povoado por pluriversos existenciais, ainda há uma considerável névoa de mistério e desconhecimento sobre as existências, saberes e

modos de viver das bruxas, curandeiras e rezadeiras como parte dessa diversidade.

Além claro, dos preconceitos existentes com essas mulheres.

Segundo Ferreira (1996), as benzedeiras tradicionais são mestras de um ofício. Uma mestra ou um mestre de ofício “é sempre um(a) sabedor(a), é alguém bastante diferenciado que encarna um semideus, um(a) pactuante com o sobrenatural, um(a) detentor(a) de um tipo de liderança, sobretudo por ser aquele(a) que transforma uma realidade”.

> As benzedeiras, tal qual conhecemos hoje, sofreram um processo de estigmatização que se fez mais presente a partir dos séculos XII e XIII, com as Inquisições pregadas pela Igreja, que alegavam serem elas bruxas, portadoras de ofícios diabólicos, perigosas, hereges, produtoras de remédios, ervas que afetam a mente dos homens, dentre tantas outras acusações. Como sabemos, inúmeras delas foram queimadas vivas para que servissem de exemplo às demais pessoas que pensavam em confrontar os dogmas da Igreja. (Oliveira, 2011, p. 2877 apud Padilha, 2011, p. 2877).

Os conhecimentos e práticas versados no uso das ervas com finalidade de cura e tratamento para enfermidades do corpo e do espírito, foram transmitidos através da oralidade, de geração a geração. (Martins; Clarindo; Campos 2023). Esse ofício baseia-se em aspectos arquetípicos femininos de cuidar e curar, que exige destas total dedicação ao longo da vida. (Cunha, 2017).

Conclusão

O objetivo deste texto foi o de apresentar um debate teórico sobre a complexidade das representações históricas e culturais que contribuem para a persistência da demonização das mulheres curandeiras, benzedeiras e conhecedoras de ervas medicinais, a partir de uma pesquisa de TCC que vem sendo realizada na comunidade rural de Timbó Grande, SC. Considerando o forte enraizamento dessas figuras na tradição local e seu papel central como agentes de saúde e preservação de saberes ancestrais, acredita-se que seus relatos de vida

trarão evidências claras dos impactos do estigma e preconceito que ainda enfrentam, tal como o referencial aqui descrito revela.

A demonização, entendida aqui como um processo histórico-cultural que associa essas mulheres ao sobrenatural de forma negativa, deve ser demonstrada como um mecanismo que influencia diretamente a autoestima, as relações familiares, as oportunidades sociais e acadêmicas, e a saúde mental dessas mulheres. A continuidade destes estigmas, mesmo em um contexto contemporâneo com maior acesso à informação e conscientização social, reflete as marcas profundas de um sistema patriarcal, racista e colonial que marginaliza práticas tradicionais de cura, especialmente aquelas ligadas ao feminino.

Além disso, espera-se que o TCC que vem sendo realizado colabore para a afirmação da resistência e ressignificação desses saberes tradicionais, mostrando as estratégias de enfrentamento e valorização cultural adotadas por essas mulheres. Essa valorização é essencial para promover o respeito à diversidade cultural e para ampliar o diálogo entre os saberes populares e a ciência ocidental no âmbito da Educação do Campo.

Por fim, pretende-se que essa discussão possa contribuir para reflexões críticas sobre a invisibilidade das mulheres benzedeiras e curandeiras no ensino formal das Ciências Naturais, apontando caminhos para a inclusão desses saberes nos currículos escolares, fortalecendo a identidade cultural local e promovendo a justiça social.

Referências bibliográficas

CUNHA, L. ABENÇOADA CURA: POÉTICAS DA VOZ E SABERES DE BENZEDEIRAS. 2017. Acesso em junho de 2014: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/25621/1/AbencoadaCuraPo%C3%A9ticas_Cunha_2017.pdf

PORTO EDITORA. Demonização. In: Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/demonização. Acesso em: 16 jun. 2025.



DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, 678 p. Acesso em Junho de 2024: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5YHvhYSYXNwVKQcmnm7TvHq/?format=pdf&lang=pt

DELUMEAU, J. História do Medo no Ocidente: 1300-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300 - 1800:** uma cidade sitiada. 1 ed. São Paulo, Schwarcz, 2011.

DOI:10.20396/revpibic2720191654

FEDERICI, S. Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2018. 460 p.

FERREIRA, Jerusa Pires. Os ofícios tradicionais. Revista USP, São Paulo, p. 102-106, 1996.

FERREIRA, T. MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SABERES DE BENZEDEIRAS(OS), REZADEIRAS(OS), RAIZEIRAS(OS) E IALORIXÁS DE VIÇOSA E PONTE NOVA – MG. 2023. Acesso em junho de 2024: https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/31276/1/texto%20completo.pdf

FERREIRA, Teresinha de Jesus; SIQUEIRA, Antônio M. Oliveira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO – A função social de mulheres negras. Resumos... [S.l. : s.n.t.], 2021. p. 1.

FERREIRA, Teresinha de Jesus; SIQUEIRA, Antônio M. Oliveira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO – A função social de mulheres negras. Resumos... [S.l. : s.n.t.], 2021. p. 1.

MARTINS, C. FACES DO FEMININO SAGRADO: O ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM. 2006. Acesso em junho de 2024: https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/964/1/CAMILA%20ALVES%20MARTINS.pdf

Martins, R & Clarindo, A & Campos, M. (2023). **Bruxas, curandeiras e benzedeiras: existências e resistências.** Revista Mosaico, Volume 15, N 23, DOI: 10.12660/rm.v15n23.2023.88865



MARTINS, R.; CLARINDO, A.; CAMPOS, M. Bruxas, curandeiras e benzedeiras: existências e resistências. Revista Mosaico – Volume 15 – Nº 23 – Ano 2023 ISSN (versão online): 2176-8943. Acesso em junho de 2024

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, n. 40, p. 11-25, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.01. Acesso em: 10 jul. 2025.

NADER, Maria Beatriz. Violência sutil contra a mulher no ambiente doméstico: uma nova abordagem de um velho fenômeno. In: FRANCO, S. P.; NADER, M. B.; SILVA, G. V. (org.). História, mulher e poder. Vitória: Edufes, 2006.

O DOSSIE. CULTURA E RAÍZES DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. S. D. acesso em julho de 2024: https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/cultura-e-raizes-da-violencia/

PERRINI, Cleuza Mara Lourenço. Medusa - função feminina: conter, mediar, intuir e proteger. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 53, n. 98, p. 257-272, jun. 2020. Acesso em junho de 2024: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352020000100020&lng=pt&nrm=iso

Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP, Campinas, SP, n.27, Rios, D & Formiga, D & Figueiredo, L & Lima, T. (2019). **A Demonização Da Mulher: Uma Repressão Do Feminino Na Baixa Idade Média E Na Modernidade.**

RUETHER, R. R. Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

SARDENBERG, Cecília M. B. E COSTA, Ana Alice A. Feminismos, feministas e Movimentos Sociais. In: BRANDÃO, Margarida Luíza Ribeiro e BINGEMER, Maria Clara L. (Orgs.). Mulher e Relações de Gênero. Seminários especiais. Centro João XXIII. São Paulo: Loyola, 1994. p. 81 – 114.

SILVA, J. A DEMONIZAÇÃO DA MULHER: DAS REPRESENTAÇÕES EM DISCURSOS CATÓLICOS À ANÁLISE DAS BRUXAS NAS OBRAS DE HANS BALDÜNG GRIEN. Taubaté – 2015.



SILVA, P. K. B. Saberes e poderes: a expressividade das benzedeiras remanescentes em JaciParaná/RO. In: SIMPÓSIO LINGUAGENS E IDENTIDADES DA/NA AMAZÔNIA SULOCIDENTAL, 2016, Manaus. Anais... Manaus, 2016.

SOARES, C.; GATT, P.; CHAGAS T. Representações do feminino na antiguidade e no Medievo [livro eletrônico] - Vitória, ES : Editora Milfontes, 2022. Acesso em junho 2024: https://editoramilfontes.com.br/acervo/Representacoes_do_feminino.pdf

VERUCCI, Florisa. Mulher e Família na Nova Constituição Brasileira. In: TABAK, Fanny e VERUCCI, Florisa. (Org.). A Difícil Igualdade: os direitos da Mulher como direitos humanos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p.55-75.

CIÊNCIA HOJE. As bruxas do passado e do presente. Disponível em: https://cienciahoje.org.br/artigo/as-bruxas-do-passado-e-do-presente/. Acesso em: 23 maio 2025.

SOUZA, Elielton dos Reis Santos. Jurema: a história, seus usos e saberes. In: XV Reunião de Antropologia do Mercosul. Disponível em: https://www.ram2025.sinteseeventos.com.br/atividade/view?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9BVElWSURBREVcIjpcIjIwNFwifSIsImgiOiIyMjRhMGZkYTdlOWZiNWU1NjA0MmEyZjBiYzg0M2Y1YyJ9&ID_ATIVIDADE=204. Acesso em: 23 maio 2025.

MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiras. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 37, n. 2, p. 362-373, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/bKCy6WKB3fb3TbZwWPK7DZw/. Acesso em: 23 maio 2025.